



**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS**

Departamento de Sociologia

Licenciatura em Sociologia

**Título:**

**Famílias Monoparentais: A Construção da Identidade das Mulheres Chefes de Agregados Familiares no Bairro de Magoanine “A”-2017**

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para obtenção de grau de Licenciatura no curso de Sociologia leccionado na Universidade Eduardo Mondlane.

**Autor**

Pedro Vicente Chicolo

**Supervisor:** Dr. Neto Sequeira

Maputo, Setembro de 2017



Faculdade de Letras e Ciências Sociais  
Departamento de Sociologia  
Licenciatura em Sociologia

**Título:**

**Famílias Monoparentais: A Construção da Identidade das Mulheres Chefes de Agregados Familiares no Bairro de Magoanine “A”- 2017**

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para obtenção de grau de Licenciatura no curso de Sociologia leccionado na Universidade Eduardo Mondlane.

**Autor**

Pedro Vicente Chicolo

**Supervisor:** Dr. Neto Sequeira

Maputo, Setembro de 2017



Faculdade de Letras e Ciências Sociais  
Departamento de Sociologia  
Licenciatura em Sociologia

**Título:**

**Famílias Monoparentais: A Construção da Identidade das Mulheres Chefes de  
Agregados Familiares no Bairro de Magoanine “A”- 2017**

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para obtenção de grau de  
Licenciatura no curso de Sociologia leccionado na Universidade Eduardo Mondlane.

Autor: Pedro Vicente Chicolo

O Júri:

O Supervisor

O Presidente

O Oponente

---

---

---

Maputo, aos \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017

## **Declaração de Honra**

Eu, Pedro Vicente Chicolo, declaro por minha honra que o presente trabalho é da minha autoria, que nunca antes foi apresentado completa ou de forma parcial para avaliação em nenhuma instituição de ensino, a nível nacional como também num outro país.

---

(Pedro Vicente Chicolo)

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho à memória do meu pai Vicente Chicolo, que tão cedo partiu desta terra, deixando todos os seus projectos e aspirações que tinha por realizar, incluindo cuidar e ver os filhos crescer.

## Agradecimentos

Agradeço a Deus em primeiro lugar, por ter-me dado forças para chegar neste estágio da minha vida académica, tendo em conta os momentos de grande dilúvio que atravessei.

*Kanimambo* à minha predileta mãe Delfina João Tamele que desde a infância ensinou-me o caminho para a vida, sempre incutiu e incentivou-me a estudar e lutou para que eu possa ser amigo de livro, caneta e caderno, o epicentro da busca do conhecimento para enfrentar os desafios da vida.

Muito obrigado à minha esposa, Adelaide António Matusse, pela companhia na caminhada da vida e conforto em todos os momentos.

Agradeço aos meus filhos: Renato, Litícia, Tânia e Ronaldo que durante quatro anos foram privados de satisfação de várias necessidades em detrimento de investimento dos meus estudos.

Obrigado Dr. Neto Sequeira, meu supervisor, que desde a apresentação do meu projecto, sempre consciencializou-me, puxando-me orelhas, para o ajusto e reajustamento do mesmo e levou-me a bom porto, escrevendo esta dissertação.

Um obrigado aos meus colegas do curso – turma de sociologia de 2013, em especial aos meus colegas de grupo: Hélio Alberto Manguete, Abílio Jaime Nhaca e Albertina Augusto Djedje, vós foram os colegas que me deram muito conforto, moral e mais, toda a gente gostaria de estar com colegas de valor.

Ao senhor Fernando José Samussone, amigo de longa data, pelo apoio no momento em que precisava.

Agradeço ao mesmo tempo a Santos Tinga e sua equipa de trabalho, que sempre compilaram meus textos, incluindo esta dissertação.

## **Epígrafe**

*A formação de identidade é um processo de assimilação mútua e bem-sucedida de todas as identificações fragmentárias da infância que por sua vez pressupõe uma inclusão bem-sucedida das introjecções processuais (...) esse êxito depende da relação satisfatória com a mãe, depois com a família. A formação de identidade depende do desenvolvimento do eu que obtém apoio para as suas funções de recursos de uma comunidade mais ampla (Erickson, 1956)*

## **Resumo**

O presente trabalho tem como objectivo compreender as formas que as mulheres chefes de famílias (agregados familiares) usam na construção da sua identidade. O estudo foi realizado em Maputo, no Bairro de Magoanine "A".

Usou-se como suporte teórico, a Perspectiva da Construção Social da Realidade de Berger e Luckman (1978, 2004). Estes autores mostram que a realidade social constrói-se nos processos sociais. Assim sendo, a identidade é um elemento chave da realidade subjectiva. A Formação e conservação da identidade são determinadas na estrutura social durante as relações sociais, mantendo-a ou modificando-a. Uma vez formada, a identidade é mantida e modificada nessas relações sociais.

O estudo seguiu uma linha qualitativa, que permitiu maior compreensão das atitudes, valores e representações das entrevistadas no processo de construção social da identidade das mulheres chefes de agregados familiares. Este método qualitativo permitiu conhecer-se as motivações da população alvo e conseguiu-se alcançar a essência desta realidade social.

O estudo mostrou a existência de mulheres chefes de agregados familiares que foram abandonadas pelos cônjuges. Outras, por iniciativa própria romperam com a conjugalidade devido a vários factores. Outras ainda são chefes de agregados familiares por iniciativa própria. Estas últimas, logo que atingiram a maturidade procuraram constituir suas próprias unidades domésticas.

Constatou-se também que as mulheres chefes de agregados familiares constroem a sua identidade usando o conhecimento que adquiriram na sua trajectória de vida mantendo seus agregados familiares sem a presença de um cônjuge. Desta forma, rompe-se com as concepções tradicionais e abre-se campo para um novo paradigma sobre agregados familiares monoparentais chefiados por mulheres.

As mulheres chefes de agregados familiares não deixam de ter características distintivas como mulheres, embora estejam na liderança de seus agregados familiares no que toca a valores e normas que possuem. A sociedade tende a mudar quanto a estigmatização, vendo os agregados chefiados por mulheres como plenos agregados familiares plenos.

**Palavras-chave: Família, Famílias (Agregados Familiares Monoparentais), Identidade, Mulheres Chefes de Agregados Familiares, Construção Social da Realidade e Relações sociais.**

## **Abstract**

This work aims to understand the ways that women heads of families (households) use in the construction of their identity. The study was carried out in Maputo, in the neighborhood of Magoanine "A".

It was used as theoretical support, the Perspective of the Social Construction of the Reality of Berger and Luckman (1978, 2004). These authors show that social reality is built up in social processes. Thus, identity is a key element of subjective reality. Formation and conservation of identity are determined in the social structure during social relations, maintaining or modifying it. Once formed, identity is maintained and modified in these social relations.

The study followed a qualitative line, which allowed a greater understanding of the attitudes, values and representations of the respondents in the process of social construction of the identity of women heads of households. This qualitative method allowed to know the motivations of the target population and was able to reach the essence of this social reality.

The study showed the existence of female heads of households who were abandoned by the spouses. Others, on their own initiative, broke away from conjugality because of several factors. Still others are heads of households on their own initiative. The latter, as soon as they reached maturity, sought to establish their own domestic units.

It was also found that female heads of households construct their identity using the knowledge they have gained in their life trajectory by keeping their households without the presence of a spouse. In this way, it breaks with the traditional conceptions and opens the field for a new paradigm on single-parent households headed by women.

Female heads of households are not without distinctive characteristics as women, although they are in the leadership of their households in terms of the values and norms they possess. Society tends to change as far as stigmatization is concerned, seeing female-headed households as full full households.

**Key words: Family, Families (Single Parent Households), Identity, Women Heads of Households, Social Construction of Reality and Social Relationships.**

## Índice

Declaração de Honra.....	I
Dedicatória.....	II
Agradecimentos .....	III
Epígrafe.....	IV
Resumo .....	V
Introdução .....	1
Capítulo 1. Revisão de Literatura .....	6
Capítulo 2. Enquadramento Teórico .....	12
Definição de Conceitos .....	15
Capítulo 3. Metodologia .....	21
3.1.Técnicas de recolha de dados.....	22
3.2.Técnica de amostragem.....	22
3.3.Universo populacional .....	23
3.4.Amostra.....	23
3.5. Local da Pesquisa.....	24
3.6.Questões éticas.....	24
Capítulo 4. Apresentação, análise e interpretação dos dados do campo.....	27
4.1. Perfil sociodemográfico. ....	27
4.2.Valores que orientam as mulheres chefes de agregados familiares.....	29
4.3. Relações sociais das mulheres chefes de família (agregado familiar) no meio onde estão inseridas. ....	32
4.4. Mecanismos que as mulheres chefes de família (agregados familiares) adoptam na construção e afirmação da sua identidade. ....	35
Considerações finais .....	41
Referencias Bibliográficas .....	43
Anexos .....	47
Guião de entrevista .....	47

## **Introdução**

A família é uma instituição social fundamental para qualquer sociedade humana. Ela tem múltiplas funções, mas a base é a socialização das crianças e jovens para a sua integração social. Contudo, ela vem conhecendo dinâmicas estruturais e funcionais (Carvalho, 1998 e Loforte, 2008). Pesquisas recentes mostram transformações que vêm ocorrendo no seio da família desde as sociedades modernas uma vez que predominava a estrutura simples constituída por um casal e os respectivos filhos, segundo Cambridge (1972) e Zenatta (2008).

Nos tempos contemporâneos proliferam outros tipos de estruturas familiares como: famílias de facto constituídas por um casal, não necessariamente do mesmo sexo, que vivam debaixo do mesmo tecto que não estão unidos por casamento formal, famílias homossexuais, que é uma relação constituída por cônjuges do mesmo sexo sendo eles homens ou mulheres; e as famílias monoparentais, que são agregados constituídos por um dos parentes com pelo menos um filho com menos de 18 anos de idade (Zenatta, 2008).

Este estudo centrou-se na abordagem de agregados familiares monoparentais chefiados por mulheres. Este tipo de agregado não é uma estrutura nova mas sim uma realidade antiga. Na Bíblia, fala-se da viúva e do órfão. Agregados familiares monoparentais chefiados por Mulheres sempre existiram ao longo da vivência humana. Entretanto, estes agregados constituídos por mãe e filhos tendem a crescer na actualidade (Carvalho, 1998 e Loforte, 2008).

De acordo com Loforte (2008), a sociedade vê as famílias (agregados familiares) monoparentais como sendo desviantes porque fogem do modelo dominante. Por consequência disso, as mulheres com filhos e abandonadas pelos maridos são estigmatizadas. Assim sendo, para essas mulheres, uma segunda relação conjugal é desejada na medida em que elas têm a concepção de que é melhor que os filhos sejam criados por ambos os parentes.

Autores como Biza (2000), afirmam que as mulheres solteiras no período colonial eram vistas como sendo aquelas mulheres independentes que possuíam casa própria e já com capacidade de prover recursos económicos para o seu sustento. Daí, mostra-se o quão este fenómeno já é real no contexto moçambicano desde o passado.

Pode-se dizer que, com a emancipação da mulher moçambicana este fenómeno foi ganhando corpo apoiado pelo então regime político pós-independência. Com a influência de vários factores (ob. cit.), as mulheres começaram a desempenhar papéis antes tidos com sendo

masculinos, tais como: uso de alfaías agrícolas, operação de máquinas e ocupação de posições de destaque em várias esferas públicas e privadas, não só, como também começaram a constituir suas próprias unidades domésticas.

A problemática do estudo partiu da realidade actual moçambicana e da revisão de literatura que foi utilizada onde, com base nas diferentes abordagens constatou-se que na discussão sobre o assunto de agregados familiares monoparentais chefiadas por mulheres a maior parte dos estudos abordam este tipo de agregados familiares olhando para as estratégias de sobrevivência usadas por estas mulheres para sustentar as suas unidades domésticas.

Outros estudos centram os seus debates sobre actividades produtivas e reprodutivas e, outros ainda, fazem as suas abordagens sobre a pobreza que afecta este grupo social.

Entretanto, há que realçar que existe escasséz de estudos que procuram analisar a construção de identidade das mulheres chefes de agregados familiares. Mesmo os estudos que debatem a problemática da construção de Identidade da mulher fazem-no a nível de construção de identidades profissionais.

De acordo com alguns autores, como é o caso do Membaware (2005) e Matusse (1996), a ocupação da posição de chefe de agregado familiar fixa-se no processo de socialização. Estes autores mostram que as relações de género são fundamentais na tomada de decisão no agregado familiar e são importantes para analisar as relações entre mulher e homem.

Tendo em conta este cenário, como ponto de partida, avançou-se de modo a identificar-se os instrumentos utilizados para a construção e afirmação da identidade das mulheres chefes de agregados familiares.

Importa referir que a sociedade estabeleceu a posição que a mulher deve ocupar na família mas, como as expectativas que são criadas têm a ver com a construção da sociedade com objectivo de hierarquizar as relações humanas, esta construção é sujeita à mudanças. Daí que há uma tendência cada vez maior de aumento de agregados familiares chefiados por mulheres.

Olhando para a organização da sociedade constata-se que durante muito tempo o homem é que foi indicado como chefe de família (agregado familiar) usando-se como fundamento os princípios bíblicos (Efésios 5:22-23). Mas, ainda na bíblia, em Corintos (7:31), mostram-se mudanças em relação à vida familiar. De acordo com essa dinâmica, pode-se afirmar que a mulher tem habilidades para ser chefe do agregado familiar.

Tendo em conta as mudanças que se verificam no contexto actual em todo o mundo, de acordo com Santana (2010), observa-se que as habilidades não são naturais mas sim criadas no processo de socialização e durante toda a trajectória nas relações sociais que estas mulheres estabelecem no seu quotidiano.

Como há carência de estudos que focam a problemática de construção da identidade das mulheres chefes de agregados familiares colocou-se como pergunta de partida o seguinte: *De que forma as mulheres chefes de agregados familiares constroem a sua identidade?*

Para responder-se a essa pergunta apresentou-se como hipótese a seguinte: *As mulheres chefes de agregados familiares constroem a sua identidade a partir das relações sociais no meio em que se inserem.*

O objectivo principal deste estudo foi o de *compreender as formas utilizadas pelas mulheres chefes de agregados familiares na construção da sua identidade olhando para os mecanismos e os valores por estas adoptadas.*

Os objectivos específicos foram os seguintes: *descrever o perfil sóciodemográfico das mulheres chefes de agregados familiares entrevistadas; identificar os valores que orientam as mulheres chefes de agregados familiares no desempenho do papel de chefe dos seus agregados familiares; identificar as formas de relações sociais que estas mulheres estabelecem no meio em que se inserem e verificar os mecanismos que as mulheres chefes de agregados familiares adaptam na construção e afirmação da sua identidade.*

Porém, defende-se que as relações sociais são cruciais na construção da identidade das mulheres chefes de agregados familiares. Essas relações demonstram o potencial que estas mulheres têm e contribuem para a mudança social. As mulheres chefes de agregados familiares buscam experiências e referências nas relações sociais que estabelecem com outras mulheres. Assim, a estigmatização explica a vulnerabilidade desta categoria social.

Como suporte teórico o estudo baseou-se na *teoria de Construção Social da Realidade* de Berger e Luckman (1978, 2004). Estes autores, mostram que a realidade social é construída socialmente durante os processos sociais nas relações sociais entre os indivíduos. Assim sendo, a identidade como realidade social é um produto da relação indivíduo-sociedade.

De acordo com esta perspectiva, percebe-se que a identidade, para além de ser formada nos processos sociais, ela é também produto do indivíduo que age escolhendo as atitudes de acordo

com os valores que o tornam singular. O indivíduo tem autonomia porque não é agente passivo, mas sim um agente activo que cria os seus próprios valores que o vão identificar.

Seguiu-se uma linha qualitativa de investigação na medida em que visava-se captar as percepções, motivações, representações e valores das entrevistadas na construção da sua identidade. O universo da população foi de 50 mulheres chefes de agregados familiares e a amostra foi de 30 entrevistadas.

O interesse do estudo surge na sequência de na história das relações sociais indicar-se o homem como sendo quem assume o papel de provedor e chefe de agregado familiar. À mulher reserva-se o papel de cuidadora das crianças no agregado familiar. Entretanto, nos últimos anos, há uma tendência cada vez maior de mulheres que assumem esse papel sem a presença masculina. Durante muito tempo era negado que a mulher assumisse esse papel (Santana, 2010).

O facto de este tipo de família (agregado familiar) estar a crescer no mundo, e no caso particular na Cidade de Maputo, de acordo com Loforte (2008), suscitou interesse uma vez que as pesquisas anteriores estudaram famílias (agregados familiares) monoparentais focando apenas na questão das estratégias de sobrevivência destas. Esses estudos pouco se preocuparam em saber como é que estas mulheres constroem a sua identidade, dando-se pouca relevância em entender as potencialidades que estas mulheres têm e investem na construção e afirmação de sua identidade. Assim, não reflectiram sobre as transformações que estes agregados trazem no meio social.

A contribuição sociológica do estudo é a de trazer à superfície os factores sociais que contribuem para o sucesso ou fracasso da construção e afirmação da identidade das mulheres chefes de agregados familiares. O estudo ajudará a compreender melhor a sociedade em que vivemos através da interpretação sociológica crítica do seu "modus operandi" (Macamo, 2016).

Assim, espera-se que este estudo traga contribuições valiosas na academia, na sociologia da família em particular e no conhecimento de famílias (agregados familiares monoparentais) chefiadas por mulheres e suas implicações na dinâmica das relações sociais na família.

Em termos de organização o trabalho é composto por quatro capítulos. O primeiro é apresentação da revisão de literatura, que traz dados empíricos nacionais que trataram abordagens sobre famílias (agregados familiares) chefiadas por mulheres.

No segundo capítulo traz-se o referencial teórico que foi a base que ajudou a ler o fenómeno e traz também os conceitos centrais do estudo.

No terceiro capítulo traz-se a metodologia usada para o estudo, as técnicas de recolha de dados de campo, o universo de população, a amostra bem como o local da pesquisa. No quarto capítulo vem a apresentação, análise e interpretação dos dados de campo. Seguidamente vêm as considerações finais. Após as considerações finais, temos as referências bibliográficas que serviram de material de consulta para a realização do estudo. Os anexos constituem a última parte que enceram o trabalho.

## Capítulo 1. Revisão de Literatura

Nesta fase da pesquisa procurou-se analisar obras que versam sobre questões relativas aos agregados monoparentais chefiados por mulheres, de modo a compreender-se até que ponto foi tratado o assunto e o foco das suas abordagens.

Estudos que versam sobre matéria de famílias monoparentais nos últimos 10 anos têm merecido pouca abordagem no seio académico, por isso, no país há uma carência de estudos neste campo.

A problematização do estudo comportam duas abordagens sobre famílias monoparentais, olhando para as estratégias de sobrevivências que são usadas pelas mulheres chefes de agregados familiares para o sustento dos seus agregados familiares. A primeira abordagem debruça-se sobre a problemática de actividades produtivas e reprodutivas, a segunda analisa o problema de pobreza que afecta a grande parte das mulheres.

Quanto as motivações do surgimento dessas famílias, os estudos apontam a vulnerabilidade devido a morte dos cônjuges destas mulheres, factores políticos e socioeconómicos.

Biza (2000), fez seu estudo com o tema “*As Características Sociais das Mulheres Chefes de Agregados Familiares e Suas Estratégias de Sobrevivência no Contexto Periurbano*”, visando perceber as características que assumia o fenómeno no contexto e perceber os constrangimentos que enfrentam as mulheres chefes de agregados familiares. O estudo visava também verificar as estratégias que elas adoptam para garantir o seu sustento, bem como dos seus dependentes. O autor advoga que este fenómeno comporta configurações diversas de acordo com contexto específico.

No período colonial, as mulheres solteiras eram vistas como sendo mulheres independentes que possuíam própria moradia, com capacidade de prover recursos económicos para o seu sustento. Depois da independência, influenciadas por factores políticos e socioeconómicos, tais como: Programa de Reabilitação Económica (PRE) e Guerra entre a Renamo e o Governo, as mulheres começaram a realizar tarefas tidas tradicionalmente como masculinas. Nessas tarefas, desempenham papéis diversos e ocupam posições de modo a sustentar seus filhos e reconstituir seus próprios agregados familiares.

De acordo com os hábitos tradicionais, nota-se que na família, espera-se que indivíduos ocupem uma função segundo o gênero. Os comportamentos e papéis sociais são aprendidos no dia-a-dia desde a infância, e a sociedade tem expectativas no homem e na mulher.

Apesar de Biza (2000), olhar o fenómeno como complexo, nota-se que a sociedade tem falhado ao criar modelos de famílias e socializar homens e mulheres de diferentes formas e ter expectativas diferentes para o homem e para a mulher, o que deixa a mulher mais vulnerável face às expectativas construídas pela sociedade.

Uma outra autora, Loforte (2008), no seu estudo, “*Dinâmicas familiares e Percepções de Pobreza e Género em Moçambique*”, tem um olhar sobre as percepções da pobreza na estrutura de género. A autora mostra que os indivíduos agem e respondem a partir das suas percepções sobre a sua posição socioeconómica e que, as relações de homens e mulheres são relações de poder. Este poder é construído socialmente a partir da família como instituição social de nível primário. Segundo a autora, a pobreza tem uma dimensão social.

A autora mostra que os que vivem com poucos recursos, usam redes como sectores fundamentais para a sobrevivência. Através das trocas de favores criam esferas de manutenção da família com reciprocidade.

Usando como unidade de análise o agregado familiar, os resultados do estudo revelam que as relações sociais tem efeito poderoso sobre a acção humana e a forma como a família se constitui tem por fundamento uma concepção do mundo relacional e hierarquizado.

De acordo com esta autora, a sociedade vê as famílias monoparentais femininas como sendo desviantes porque fogem do modelo vigente ou dominante. Essa situação leva às mulheres com filhos, abandonadas pelos maridos, desejarem uma segunda união pois, têm a concepção de que é melhor a criança ser educada por ambos os parentes.

Esta autora mostra que uma das consequências da falta do segundo parente, é o fraco desempenho escolar dos filhos, a recusa das crianças de ir à escola e fazer os deveres de casa. Por isso, a autora diz que as desigualdades de género e de poder determinam as acções e o processo de tomada de decisão. Diz também que, o sexo decisor é determinante nas decisões de responsabilidade, controlo de rendimento e educação dos filhos.

A pesquisa feita por Membaware (2005), intitulada “*Mulheres Chefes de Agregados Familiares, Viúvas, Divorciadas, Casadas e solteiras, Suas Características Sociais e Suas*

*Estratégias de Sobrevivência*”, procura analisar as características sociais, estratégias e conhecer as lógicas adoptadas pelas mulheres chefes de agregados familiares para a sua sobrevivência. Para perceber esse processo, o autor parte do princípio que cada uma destas mulheres, desenvolve um conjunto de acções para encontrar nas outras mulheres, a vários níveis, a sua realização e, elas envolvem-se em redes de modo a prover a sua sobrevivência.

Os homens, sempre ocuparam um lugar cimeiro em muitas organizações. Mas na actualidade há uma tendência de mulheres ocuparem também essas posições nas organizações, de acordo com o Relatório da Liga Moçambicana dos Direitos Humanos (2007). Como resultado disso, o País tem sido um exemplo quando comparado com outros países da África Austral, onde temos número crescente de mulheres a ocupar cargos cimeiros de liderança como ministras. A nível do sistema de justiça moçambicano, já temos uma procuradora, assim como na presidência da Assembleia da Republica, temos a mulher a liderar aquele órgão do poder legislativo. Não só, como também já tivemos uma mulher a liderar uma delegação de gestão de conflitos.

Membaware (2005) diz que não há como analisar as desigualdades entre homens e mulheres sem recorrer as relações do género, pois as relações de género são construídas socialmente usando valores e cultura. O autor chama atenção e mostra que estes valores estão sujeitos a mudanças e daí, género é uma categoria para analisar as relações entre homens e mulheres. O autor advoga que cabe às próprias mulheres a reprodução social da família.

Matusse (1996) fez o seu estudo com o tema “*Mulheres Chefes de Família*”, dando um foco sobre actividades produtivas e reprodutivas assim como as características das mulheres chefes de família em Penguin. O autor analisa as actividades desta categoria social realçando o papel da mulher no sistema de produção.

De acordo com este estudo, a mulher tem um papel fundamental na agricultura, citando uma fonte, maior parte da população que está nesta área são mulheres, que trabalham para a subsistência da família e 70% da população activa, encontra-se neste sector, segundo dados do (CP) Censo Populacional de 1980.

Este autor comunga com Membaware ao frizar que as relações de género são fundamentais para compreender melhor a tomada de decisão na família quanto à responsabilidade na reprodução agrícola. O autor diz que as condições económicas das mulheres variam, tendo em conta o acesso a recursos produtivos e a composição do agregado familiar.

Este autor converge com Biza (2000), ao dizer que a divisão do trabalho em Moçambique advém de longos anos, sendo estas divisões reproduzidas socialmente de geração em geração e variam de sexo e idade no desempenho de papéis. A ocupação de posições de destaque como a chefia de agregados familiares, fixam-se no processo de socialização. O autor diz que a mulher é-lhe reservada um lugar específico na vida familiar na continuação dos valores e da cultura.

Segundo Loforte (apud Matusse, 1996), as mulheres têm um papel importante na produção de culturas de subsistências, assim como na produção de excedentes que se comercializam para a compra de outros produtos manufacturados, sendo também produtos de primeira necessidade. De acordo com este autor, as mulheres só têm alívio se tiverem muitas crianças do sexo feminino e a presença de noras na família; o que não acontece se tiver muitas crianças do sexo masculino.

Na obra denominada “*Estratégia de Sobrevivência de Um Grupo de Viúvas*”, da autoria de Dulobo (2008), analisa as estratégias de sobrevivência das viúvas da associação das Viúvas e mães solteiras, procurando tratar a associação como uma oportunidade para empoderamento das mulheres. A autora advoga que a viuvez deixa as mulheres ainda mais vulneráveis e leva-as à exclusão social dos seus filhos.

Muitas mulheres para dar face a esses constrangimentos, unem-se nas redes sociais, igreja e associação de xitique. No caso destas viúvas, segundo a autora, associam-se como forma de interajuda através dos créditos concedidos pela associação. Nessa associação, elas buscam o conforto e também conseguem resolver os seus interesses socioeconómicos.

De acordo com Biza (2000), a sociedade educa os homens e as mulheres de forma diferenciada. Esta forma de educação traz consequências que prejudicam a mulher. Uma das consequências de educação desigual entre mulheres e homens é a falta de conhecimento em relação aos direitos da mulher no que toca a herança, na medida em que têm baixo nível de escolaridade, razão pela qual muitas vezes a família do marido usurpa os bens da mulher em caso de morte do cônjuge.

Outra obra com o tema “*Mulheres e suas estratégias de sobrevivência*”, da autoria de Beatriz e Masse (sd.), tem como objectivo analisar e identificar estratégias de sobrevivência desenvolvidas pelas mulheres vendedeiras do mercado Fajardo, em Maputo. Estes autores mostram a relação da pobreza e a falta de recursos.

As autoras mostram que estas mulheres usam outras estratégias para complementar o sustento das suas famílias, alargando o campo de intervenção da mulher na esfera pública. De acordo com as autoras, o sector informal, não pode ser visto como a única estratégia de sustento da família. Outras mulheres fazem trabalhos domésticos, e outras famílias têm rendimentos maiores, alargando as redes de solidariedade. Essas redes de interajuda são fundamentais como estratégias de sobrevivência da família.

Segundo essas autoras, percebe-se que há complementaridade de serviços entre as pessoas, o que Durkheim chamou de solidariedade para a manutenção do funcionamento da sociedade.

O estudo com o tema “Impacto diferenciado do vendaval de 2007 em Boane, sobre agregados familiares chefiados por homens e outros chefiados por mulheres” da autoria de Siteo (2008), pretendia avaliar o impacto do referido vendaval, comparando os agregados chefiados por homens e agregados chefiados por mulheres no Distrito de Boane.

Devido a forma diferenciada de socialização de homens e mulheres, tem tido como reflexo a habilitação diferenciada de práticas, habilidades e comportamentos para agir em situações específicas. Apesar de acesso e execução de tarefas remuneradas bem como o encorajamento à candidatura de mulheres para actividades anteriormente consideradas masculinas, a mulher continua com menor empregabilidade quando comparada ao homem.

De acordo com este autor, as mulheres chefes de agregados familiares têm como principais actividades de sustento a agricultura e pecuária. Elas são excluídas socialmente, enquanto os homens chefes de agregados familiares, para além das duas áreas de actividades referenciadas, têm acesso às actividades remuneradas e mais integração social.

Quanto a reposição dos danos causados pelo vendaval, o autor advoga que, os agregados chefiados por homens conseguiram repor os bens destruídos em pouco tempo, quando comparados com os agregados chefiados por mulheres, tendo em conta que este grupo social tem limitações de acesso aos recursos.

De acordo com as constatações de Siteo (2008), as relações do género em Moçambique criam constrangimento para a acção da mulher e levam a mesma à posição desfavorecida e conseqüentemente mostra-se que as mulheres têm acesso limitado a recursos e a oportunidades.

Outros autores fizeram um outro estudo com o tema “Situação de pobreza das mulheres na Cidade de Maputo e suas Percepções” da autoria de (Catarina e Cintura, 2003), com o objectivo de perceber que impacto tem a relação de género na situação das mulheres. Os autores, para conseguirem compreender este desiderato, procuraram identificar e analisar os condicionamentos sócio-culturais que directa ou indirectamente influenciam ou determinam à situação de pobreza da mulher na relação de género.

As inquietações destes autores, foram as estatísticas que mostram que 60% dos pobres são mulheres enquanto 60% da produção económica provém da população feminina na agricultura (Casimiro citado por Cintura, 2003). Tendo em conta que a maior parte dos moçambicanos vive no campo, significa que ela vive de agricultura e da pecuária. Estas áreas, muitas vezes não estão veiculadas a qualquer instituição pública ou empresas privadas, uma vez que a agricultura moçambicana é de subsistência.

Segundo as constatações dos autores, as mulheres em referência não têm actividades remuneradas, mas garantem a subsistência das suas famílias com a produção agrícola, pecuária, não só, como também vendem os seus excedentes para suprir as necessidades básicas das suas famílias.

Os estudos consultados centram os seus debates nas estratégias de sobrevivência das mulheres chefes de agregados familiares. São escassos estudos que tratam desta temática da construção de identidade da mulher chefe de agregado familiar. Assim, deu-se pouca relevância quanto a isso, mesmo os que tratam de identidade das mulheres, fazem-no a nível de identidades profissionais, e opto-se em centrar a abordagem deste estudo na construção de identidade das mulheres chefes de agregados familiares.

## Capítulo 2. Enquadramento Teórico

O pressuposto básico deste estudo é defendido por Berger e Luckman (1978,2004), na perspectiva da Construção Social da Realidade. Escolheu-se esta teoria porque com ela conseguiu-se compreender a construção da identidade das mulheres chefes de agregados familiares. De acordo com os autores, a identidade de qualquer individuo é constituída pelo meio social, por isso, para estes autores, a vida quotidiana é vista como uma realidade intersubjectiva pelos indivíduos. Essa realidade é subjacente dotada de um sentido para a sociedade, na medida em que forma um mundo coerente.

Estes autores dão ênfase ao processo de socialização que é o momento em que o indivíduo aprende ou busca informação para conhecer os significados e valores do grupo, onde se encontra inserido, para saber agir em tempo determinado.

A socialização é um processo contínuo, essa socialização gera identidades que são formadas e mantidas ou modificadas pelas relações sociais. Os autores mostram que a identidade é construída na relação que o individuo estabelece com os outros indivíduos. (Berger e Luckman, 1978, pag. 228).

A identidade é o produto da dialéctica sociedade-individuo segundo Berger e Luckman (1978, 2004) e Escolácia e Kastrup (2011). A identidade do individuo, não só é formada pelos valores internalizados na socialização primária, como também em todos os processos sociais. De acordo com essa concepção, a mulher chefe de agregado familiar aprende e internaliza os valores de forma contínua nas relações sociais que ela estabelece no quotidiano.

Desta forma, usando a concepção dos autores, pode-se frisar que as mulheres chefes de agregados familiares constroem a sua identidade entre os valores apreendidos na socialização primária e os valores que vão escolhendo como referências na socialização secundária que é um processo contínuo.

Como os processos sociais são dinâmicos, o mundo tem múltiplas realidades de acordo com os autores. Daí que, segundo estes autores, a transição de uma realidade para a outra é experimentada com choque pelo individuo.

Desta maneira, pode-se frisar que as mulheres chefes de agregados familiares usam consciência para planear e agir, manipulando o que lhes foi ensinadas. Com isso, mostra-se que o individuo não é agente passivo, porque apesar de ter internalizado os valores durante a sua trajectória, no

momento de agir ele escolhe a forma que lhe identifica, construindo desta forma a sua identidade.

Pode-se dizer ainda que, as mulheres chefes de agregados familiares, constroem a sua identidade tomando em conta os valores que foram buscando no processo de socialização nas relações sociais com os outros, internalizando como seus. Assim, a partir desses valores, elas reproduzem de forma distinta de modo a tornar as suas atitudes singulares de acordo com a sua situação específica.

Olhando a construção social da realidade, Berger e Luckman (1978, 2004,), mostram que há uma outra realidade que se apresenta ao individuo através de um mundo intersubjectivo, porque esta realidade se diferencia das outras.

Assim sendo, pode-se frisar que, as mulheres chefes de agregados familiares, numa situação concreta, constroem a sua identidade de chefes de agregados familiares. A construção bem como afirmação da identidade não depende apenas de si, mas também de outros factores sociais imprevisíveis. Entretanto, estas mulheres devem enfrentar suas consequências. Isso, por vezes provoca medo e depressão. Uma das consequências é a insuficiência de factores materiais, que tem a ver com valores financeiros, a falta de apoio, a falta de autovalorização e também a subvalorização que tem a ver com a estigmatização.

Constata-se que os indivíduos atribuem significados às suas acções. Nesse caso, pode-se frisar que a construção social da identidade das mulheres chefes de agregados familiares é uma acção racional e deliberada para fins concretos. Nesse processo, o individuo é influenciado pela estrutura e esta estrutura também é influenciada pelo individuo (Giddens, 2015).

A partir desse processo, Berger e Luckman (1978, 2004), consideram que a identidade é um produto da relação individuo-sociedade. Essa identidade, para além de ser formada nos processos sociais, é também produto do individuo que age para escolher e manter as atitudes de acordo com os valores apreendidos durante a sua trajectória e a contingência do momento concreto.

De acordo com essa concepção, significa que as mulheres chefes de agregados familiares constroem a sua identidade a partir de valores da socialização primária na família e os valores da socialização secundária, que é um processo contínuo.

Segundo Berger e Luckman (1978, 2004), a institucionalização é um factor muito importante. Olhando essa concepção, se a maioria das estruturas são geralmente compartilhadas, a esfera de institucionalização será maior. Se há minoria de estruturas compartilhadas, a esfera de institucionalização será menor. Estes autores, mostram que a legitimação também é um ponto fundamental que explica esse processo.

Um exemplo concreto: Na sociedade moderna, a família era baseada no amor e no casamento (Zennata, 2008). Este era o modelo dominante mais compartilhado, institucionalizado e era a base de referência para os indivíduos. A maior parte da sociedade desse período inspirava-se neste modelo.

De acordo com Berger e Luckman (1978, 2004), a legitimação introduz novos significados que se ligam a processos institucionais. Esta legitimação, de acordo com os autores, torna-se objectivamente acessível e subjectivamente plausível. É daí que, como o maior número de agregados familiares é chefiado por homens, estes agregados são reconhecidos em pleno, em contrapartida os agregados familiares chefiados por mulheres eram vítimas de estigma por parte da sociedade. Em contrapartida, a dinâmica mostra que há cada vez mais agregados familiares a serem chefiados por mulheres.

Esta perspectiva teórica ajudou a compreender que as situações sociais concretas são fundamentais para construção social da realidade. Pode-se frisar que a construção e afirmação da identidade das mulheres chefes de agregados familiares, efectiva-se a partir das relações sociais que estas mulheres estabelecem com as outras mulheres nos processos sociais. Olhando para essa perspectiva, as mulheres chefes de agregados familiares, constroem a sua identidade nas relações sociais desde a socialização primária na família e durante a socialização secundária como um processo contínuo.

## **Definição de Conceitos**

Nesta secção procurou-se trazer conceitos fundamentais para a análise e compreensão do estudo. Assim sendo, na ciência, procurando-se soluções para resolver problemas, elaboram-se conceitos que são meios que vão ser usados para explicar a ocorrência dos fenómenos sociais. Esses conceitos devem ser coerentes e relacionados, porque as explicações só são científicas se forem testáveis (Silva e Pinto, 1980, 2007).

Para o estudo, tem-se como conceitos fundamentais os seguintes: *família, famílias (agregados familiares) monoparentais, Mulheres chefes de famílias (agregados familiares), Identidade, relações sociais e construção social da realidade.*

Escolheu-se estes conceitos na medida em que enquadram-se no estudo, não só, como também relacionam-se com a perspectiva teórica.

## **Família**

Não há consenso sobre este conceito pois, cada sociedade é que define o que é família num contexto e período específico. Contudo, em Martins (2001) ela é vista como sendo o local de transmissão de valores, regras e normas de conduta às crianças e jovens e que, a sociedade espera que a família cumpra esse papel.

Quando a família não consegue fazer isso com os seus educandos, temos uma sociedade desestruturada. É a família que cabe o papel de educação dos filhos. Segundo Martins (2001), a família tem sido desde sempre um campo contestado e, diversos estudos têm identificado essas contradições.

Por outro lado, olha-se a família como factor protector do individuo, com papel central na manutenção da ordem social, exactamente porque considera-se como factor compensatório e equilibrador dos constrangimentos e dificuldades a que o individuo está sujeito noutros quadrantes da vida social. Mas, a família ainda pode ser vista como a célula base da organização social. Ela desempenha múltiplas funções que variam na sua natureza e intensidade, segundo as sociedades (Dicionário de Economia e Ciências Sociais, 2001).

Contudo, existem vários tipos de estruturas de famílias: Pode-se falar de família alargada, família nuclear, família de facto, família monoparental, família homossexual, entre outros.

A família alargada ou extensa, de acordo com Zenatta (2008) é aquela onde coabitam ascendentes, descendentes e colaterais por consanguinidade ou não, para além dos progenitores. Este tipo de família, tende a ser contestado nos tempos contemporâneos pela sociedade pois, ela é apontada como o foco de conflitos conjugais por valorizar a colectividade.

Por outro lado, Zenatta (2008) define uma outra estrutura de família "*família nuclear*" que entende como aquela que é constituída por um casal e pelos seus filhos biológicos. Autores como Caniço e Carvalho (2010) têm a mesma concepção e enfatizam que é uma só união entre adultos e só um nível de descendência de pais e filhos.

Existe a *família de facto* que, segundo Zenatta (2008) indica uma situação conjugal de duas pessoas que vivem debaixo do mesmo tecto sem casamento formal, esta família (agregado familiar), é predominante na actualidade no mundo inteiro.

Há também a *família homossexual* que é também uma família que cresce nos dias de hoje. Este tipo de família é aquele em que a relação conjugal é entre duas pessoas do mesmo sexo sendo, mulheres ou homens. Este tipo de família vem desconstruir a imagem enraizada, onde a sociedade tinha expectativa de que só a relação conjugal entre duas pessoas de sexos diferentes devia ser aceite. Porém, tem surgido manifestações na sociedade que contrapõe-se a esta nova estrutura de família.

### **Família monoparental**

Para além dos tipos de famílias apresentados, existem famílias que tendem a crescer, estamos a falar de *famílias monoparentais*, que segundo Zenatta (2008), é composta por apenas um dos parentes e o (s) filho (s). Segundo a autora a crise no casamento é apontada como sendo a causa do seu surgimento.

Sobre este tipo de família, nos dias que correm, há que se admitir a livre escolha, principalmente da mulher que pode viver sem cônjuge, se assim optar. Esta família (agregado familiar) não é um tipo novo, mas sim uma realidade antiga. Mas, na actualidade, este tipo de agregado cresce na realidade actual moçambicana, segundo os estudos consultados. Há cada vez mais mulheres a manter seus agregados familiares sem cônjuge, estando a viver apenas com os filhos.

Olhando todos modelos de família apresentados, neste estudo centrou-se concretamente em estudar-se *famílias (agregados familiares) monoparentais chefiadas por mulheres*, isto é,

agregados constituídos por mulheres e filhos. Este é o modelo familiar que se enquadra no nosso estudo.

## **Identidade**

Segundo Grinberg (1976), a utilização do conceito de Identidade na sociologia e na sociedade francesa, não é tão fácil. Desta maneira, este conceito "Identidade" é controverso desde a antiguidade, tanto no campo filosófico, psicanalítico como no campo sociológico. O termo Identidade tem a ver com o "Eu sou", expressa uma relação entre o indivíduo e o seu grupo, segundo Transk (1945).

Este conceito começou a ser usado por sociólogos como Goffman nos anos 60, nos Estados Unidos da América. Os primeiros grupos sociais a utilizar este conceito foram as mulheres e os negros, que eram os grupos vítimas de discriminação, Mongeolle (2015). Segundo uma definição sociológica, a Identidade de um indivíduo ou de um grupo social, são *características ou representações que fazem com que o indivíduo ou grupo social se considere uma unidade específica* e, este facto é percebido pelos outros.

A Identidade permite dar sentido a vida do indivíduo segundo Kauffmane. De acordo este autor, o indivíduo pode-se constituir de maneira individual ou com diversos grupos. Assim sendo, pode-se frisar que o mesmo indivíduo, num momento é chefe de família, noutra é estudante e ainda num outro momento ele é empregador ou empregado. Daí que, Goffman mostra que o indivíduo, de momento a momento se prepara para desempenhar um papel num tempo específico e numa situação concreta.

A construção da Identidade, depende do desenvolvimento do "eu" ao obter apoio para as suas funções, nesse processo. As percepções visuais são fundamentais na construção e afirmação da Identidade. E, segundo (Berlatte,2009), a identidade é que possibilita o reconhecimento da pessoa, mas pode ser também objecto de estigma.

A Identidade tem a ver com as circunstâncias do indivíduo ser aquele que diz ser ou aquele que outrem presumem que ele seja, segundo o Dicionário Moderno de Língua Portuguesa (sd). Mas, Ciampa (1987), diz que é uma transformação constante, sendo resultado provisório de interacção entre a história da pessoa e seu contacto histórico-social.

Entretanto, no estudo tratou-se da *Identidade* usando a definição de Mongeolle (2015), que diz que Identidade é um conjunto de características e representações do indivíduo que fazem com

que este indivíduo ou grupo social se considere uma unidade específica e seja percebido pelos outros como tal. É com estas características específicas que tornam o indivíduo ser identificado devido às suas representações que o tornam singular.

A Identidade é uma variável dependente, uma vez que para sua construção e afirmação, depende de outros factores como: apoio, autovalorização e reconhecimento pelos outros. Entretanto, para adquirir-se essa identidade, constrói-se na sociedade durante as relações sociais que estabelecem-se com os outros para o indivíduo se tornar singular.

Este conceito é da dimensão identitária, porque é com esta identidade que os indivíduos se distinguem. Identifica-se a identidade através de atitudes, valores, categorias sociais, percepções e representações que são indicadores que permitem identificar o indivíduo de forma específica.

### **Mulher chefe de família (agregado familiar)**

De acordo com Brito (2008), *mulher chefe de família* costuma ser ao mesmo tempo mãe e pai da família, acumulando duas responsabilidades: cuidar da casa, das crianças e assumindo sozinha o sustento material dos seus dependentes. Ela é a única provedora do agregado familiar. Esta dupla jornada dá uma dupla carga à mulher. A insuficiência de tempo para cuidar das crianças e a luta pela busca do sustento provoca depressão a esta mulher.

Por outro lado, Verza (2017) vê a mulher chefe de agregado familiar como sendo aquela mulher que é a única responsável da família. Segundo esta autora, a lógica da estrutura do funcionamento da mesma família é baseada na dupla parentabilidade, mãe e pai social dos seus filhos.

Para este estudo optou-se em, tratar a *mulher chefe de agregado familiar* usando a definição de Brito (2008), que se enquadra no estudo. Segundo esta definição, a *mulher chefe de agregado familiar* é ao mesmo tempo mãe e pai social dos seus filhos, sendo a única responsável pela sua unidade doméstica, como provedora e cuidadora dos seus dependentes.

### **Agregados familiares**

Agregados familiares referem-se ao grupo de pessoas que vivem por baixo do mesmo tecto com uma relação de parentesco de acordo com INAE (2012). São considerados elementos de agregado familiar, às pessoas que vivem em economia comum e que tenham entre si laços de parentesco por consanguinidade ou afinidade.

## **Construção social da realidade**

Este conceito é abordado em diversas áreas de conhecimento, desde a filosofia, a linguística, a psicanálise, a sociologia, a antropologia e mais. Autores como Berger e Luckman (1978, 2004), concebem-na como uma visão do mundo, sendo um processo de elaboração social e atribuição de valores, significados e sentidos, por meio de um sistema de símbolos individuais ou de grupos sociais, tendo em conta a probabilidade de percepção e representação.

A construção social da realidade proporciona mudanças do social, mas a sua afirmação depende do reconhecimento simbólico de acordo com Bourdieu (in Manuel e Silva). De acordo com esse autor, não há igualdade de construção da identidade dos indivíduos enquanto seres sociais. Este autor mostra que a realidade social depende do que foi constituído durante as relações sociais no espaço social ou na sua trajetória.

## **Relações sociais**

Na sociologia, relações sociais é um conceito complexo que trata do conjunto de relações entre os indivíduos e grupos sociais. Sendo que, os seres humanos são seres sociais por excelência, a socialização é fundamental para o desenvolvimento social da sociedade.

Segundo Weber (1991), relações sociais é o relacionamento entre indivíduos no interior de grupos sociais, elas fornecem a base de estrutura social e, são a base de análise das ciências sociais.

Para Rocher (1977), as relações sociais é conjunto de mecanismos que motivam e orientam a conduta do ser humano em relações uns com os outros. Segundo este autor, as relações sociais entre os indivíduos estabelecem-se na base de interesses individuais. Elas são relações de competição e de concorrência com um cunho de indiferença relativamente a outros.

Neste estudo usou-se a definição de Rocher para a discussão, uma vez que traz a complexidade da essência do que são as relações sociais. Sendo um conceito de dimensão social. Este conceito tem como indicadores: a aprendizagem, as conversas, a interajuda, a educação e os ensinamentos.

Relações sociais são variáveis independentes, uma vez que a construção da identidade é que depende das relações sociais para que se construa com sucesso. É nas relações sociais que, as

mulheres chefes de agregados familiares, vão buscando referências e experiências para construir a sua identidade.

De acordo com Macamo (2004), quanto mais a mulher chefe de agregado familiar estiver envolvida nas relações sociais, mais chances tem para construir e afirmar a sua identidade com sucesso. Para tal, usa os valores que foi aprendendo na sua trajectória, que são: as normas, significados e referências que foi internalizando durante a socialização primária e a socialização secundária, que é um processo contínuo, que tornam-a singular.

### Capítulo 3. Metodologia

A metodologia serviu de instrumento fundamental para a ciência. A concepção desse instrumento tornou-se como uma condição necessária para a competência científica do pesquisador. É neste capítulo que mostra-se o caminho que foi seguido, bem como os equipamentos usados, por isso espera-se que o pesquisador assimile as regras de conduta científica e produza o conhecimento com fidelidade (Demo,1995).

A identificação, descrição e análise de procedimentos são indispensáveis para a produção do conhecimento científico, usando os princípios de neutralidade axiológica e objectiva (Weber e Durkheim apud Nipassa, 2016).

O método usado neste estudo foi qualitativo, uma vez que o estudo visava maior compreensão da Construção Social da Identidade das Mulheres Chefes de agregados familiares. Por isso, a utilização deste método qualitativo de investigação, também possibilitou uma análise intensiva que é um meio pelo qual investiga-se os valores, atitudes, percepções e motivações do público-alvo para captar-se a essência do fenómeno. Estes aspectos não se quantificam, mas sim captam-se por meio de um processo de observação e questionamento.

A escolha deste tema deveu-se pelo facto de ser fundamental para a organização da sociedade humana, “a *família (agregado familiar)*” que serviu como ponto de partida para elaborar o trabalho de pesquisa sobre agregados familiares monoparentais, olhando a Construção da Identidade das Mulheres chefes de agregados familiares.

Fez-se uma revisão de literatura baseada em estudos que já falaram de agregados familiares monoparentais chefiados por mulheres, para não repetir o que provavelmente poderia ter sido feito. Visava também saber os resultados alcançados e as possíveis recomendações deixadas. Neste estudo, estabeleceu-se uma relação entre a teoria usada e o método para haver uma coerência.

### **3.1. Técnicas de recolha de dados**

Para a recolha de dados, utilizou-se as entrevistas semiestruturadas da população alvo. Com esta técnica, conseguiu-se compreender o que acontece com as entrevistadas (Richardson, 1999).

Nas entrevistas, é preciso usar o encontro para estudar o que as pessoas fazem e pensam, daí que é importante não centrar-se apenas no que as entrevistadas dizem. Assim, deve-se dar importância a tudo e deve-se interpretar os momentos de silêncio incluindo as atitudes das entrevistadas. Isso é importante para o processo de análise. Não se deve ficar nas primeiras impressões, de acordo com Baloi (in Teles et al, 2011).

Esta técnica permitiu desenvolver uma relação conjunta com este tipo de entrevista. Obteve-se das entrevistadas os factos que elas conhecem bem como percebeu-se os seus comportamentos, suas opiniões; explorou-se suas actividades e motivações de acordo com Marget (citado por Richardson, 1999). Assim sendo, deixou-se as entrevistadas com um grau maior de liberdade para obter-se maior profundidade da informação.

As entrevistas em profundidade usando tópicos a serem discutidos, deixam os entrevistados livres e apresentam-se os pontos de vista, ficou-se atento em relação aos pontos de vista das entrevistadas e as orientações teóricas (ob. cit.).

Aliou-se a técnica de entrevistas à observação de campo, uma vez que é um processo fundamental na pesquisa. Começa aqui o processo de análise, onde pode observar-se e analisar-se as atitudes e outros acontecimentos concretos. Durante o processo de recolha de dados, estabeleceu-se uma relação muito próxima com as entrevistadas, o que permitiu obter informação detalhada (Richardson, 1999).

### **3.2. Técnica de amostragem**

Para selecção da amostra, usou-se a amostragem não probabilística. Esta técnica, não usa certos tratamentos estatísticos. Na primeira mulher escolhida, recoreu-se ao critério intencional e apoiando-se nos documentos da organização do Bairro disponíveis no círculo, posteriormente

usou-se bola de neve. De acordo com Gil (2008), a amostragem intencional é o menos rigoroso de tipo de amostragem.

Os documentos do bairro disponíveis no círculo serviram para ter-se noção mínima do número de agregados familiares chefiados por mulheres e seleccionar-se a primeira entrevistada. Uma vez seleccionada a primeira mulher chefe de agregado familiar, usando a bola de neve, foi possível identificar-se outras mulheres da mesma categoria partindo desta primeira. Podia ser difícil identificar agregados familiares monoparentais chefiados por mulheres, uma vez que nem todos os chefes dos quarteirões acompanharam durante o processo de recolha de dados.

### **3.3.Universo populacional**

O estudo teve como universo da população 50 mulheres chefes de agregados familiares com idades compreendidas entre 20-45 anos de idade. A idade entre 20-45 anos, foi uma escolha do pesquisador na delimitação do estudo, na presunção de que maior parte destas mulheres atingiram a fase adulta na década de 1990, período que coincide com a introdução da democracia em Moçambique.

Presume-se também que com a introdução da democracia, as mulheres começaram a ter mais informação sobre seus direitos, dos quais nas suas relações conjugais e direito de opinião em qualquer contexto. De acordo com Bonaud em 1896 (apud Scott, 1989), a democracia doméstica permitiu a esposa se rebelar contra a autoridade do esposo.

Outros factores, como a globalização e guerra que opôs o governo de Moçambique e a Renamo bem como as calamidades naturais e problemas de crise económica que levaram o país a introduzir o Programa de Reabilitação Económica (PRE), podem ter influenciado às mulheres a entrar na esfera pública e lutar pela autonomia. Com os princípios democráticos, a mulher pode buscar referências durante a sua trajetória de vida que podem influenciar para a construção da Identidade da mulher chefe de agregado familiar.

### **3.4.Amostra**

A amostra foi de 30 Mulheres chefes de agregados familiares, com idades que variam de 30 a 45 anos. Esta amostra representou o universo de população. As pesquisas sociais, abrangem uma população extensa que se torna difícil considerá-la na sua totalidade (Gil, 1999), daí que usou-se amostra que é uma pequena ponte que representou a totalidade.

A unidade de análise foram mulheres chefes de agregado familiar, agentes que participam nos eventos sociais no quotidiano construindo a sua identidade, na medida em que pretendia-se compreender as dinâmicas sociais de agregados familiares monoparentais chefiadas por mulheres, uma vez que o papel da mulher na sociedade está no centro dos debates da actualidade.

### **3.5. Local da Pesquisa**

No que toca a dimensão espacial, o estudo foi realizado em Maputo, no Bairro de Magoanine “A” Quarteirões 47 a 52. O referido Bairro cresceu após as cheias e erosão de solos nos Bairros de Polana caniço e Maxaquene no ano de 2000. Um grande número de agregados atingidos por estas calamidades foi-se instalar naquele bairro. Quanto a dimensão temporal, a recolha de dados decorreu de 27 de Julho a 05 de Agosto de 2017.

### **3.6. Questões éticas**

Sendo uma pesquisa feita a mulheres chefes de agregados familiares, houve necessidade de preocupação e atenção especial a aspectos relativos a ética, porque foi uma pesquisa social.

Teve-se o cuidado de proceder à explicação dos objectivos da pesquisa à todos os actores envolvidos, a partir do chefe do quarteirão que foi a primeira porta de entrada, ao pessoal da Secretaria do Bairro, incluindo o próprio Secretário, aos chefes dos quarteirões onde o estudo foi realizado e por fim, à própria população alvo, que foram as mulheres chefes de agregados familiares (Collona, 2012).

Este é um dos principais passos em pesquisas sociais de forma a construir ética no processo de pesquisa e evitar que os resultados da pesquisa prejudiquem os envolvidos (Fernandes et al, 2011). Por isso, nos resultados de campo apresentados usou-se pseudónimos, para tratar das entrevistadas, mantendo em anonimato os seus verdadeiros nomes.

Neste consentimento informado, foi necessário o pesquisador apresentar-se como estudante da UEM em busca de dados para fins académicos no que toca às mulheres chefes de agregados familiares e pediu-se a colaboração das entrevistadas no fornecimento de dados.

Apesar desse cuidado, a questão de consentimento é complexo, tendo em conta os constrangimentos em situação concreta, o que exige uma reflexividade constante (Fernandes et

al, 2011). Um outro aspecto que tentou-se manter sempre, foi a postura reflexiva e diálogo permanente com as entrevistadas com o objectivo de conquistar e manter confiança.

Nestes todos procedimentos, teve-se também em conta as diversas dificuldades de forma de expressão oral e dificuldades de entender a língua portuguesa. Teve-se do mesmo modo que recorrer-se à sensibilidade do pesquisador, tendo em conta que as mulheres entrevistadas foram livres de responder ou não algumas questões assim, foram livres de colaborar para o fornecimento de dados. (Fernandes et al, 2011)

Para além destes mecanismos, recorreu-se também ao uso do princípio da reciprocidade, na medida em que lutou-se de modo a alcançar-se satisfação mútua, sempre que as entrevistadas pedissem algum esclarecimento, fez-se de tudo para esclarecer-se, uma vez que também tinha-se informação importante por recolher nestas mulheres de modo a trazer-se ao debate.

O processo de recolha de dados usando inquérito por entrevista na pesquisa, foi um desafio para o pesquisado. Assim, captar a essência da informação dada implicou um grande esforço e reflexividade contínua, tendo em conta que esteve-se a falar com mulheres de diferentes extractos sociais, outras mulheres com dificuldades de compreensão da língua portuguesa.

Nalguns casos, usou-se a língua local (Changana) com algumas mulheres, para se conseguir fluidez na comunicação. O próprio foco foi desafiador para abordar certas questões, como por exemplo, as motivações que levaram a essas mulheres a viverem sem cônjuge mas sim apenas com os filhos. As situações de ruptura conjugal, muitas vezes deixam mágoas e sequelas principalmente às mulheres emocionadas.

A pesquisa social é um processo complexo. Porém, houve alguns constrangimentos. Depois da autorização de trabalhar no bairro, dirigiu-se aos chefes dos quarteirões onde os dados foram recolhidos com o acompanhamento destes. Contudo, nem todos estiveram disponíveis para o efeito. Entretanto, houve mulheres chefes de agregados familiares que não aceitaram conceder a entrevista, apesar de ter-se exibido a credencial e outros documentos de autorização da estrutura do bairro.

Uma mulher chefe de agregado familiar, disse que o chefe de quarteirão não teria dado nenhuma informação sobre o assunto, tendo o pesquisador seguido para uma outra casa com o mesmo propósito, entrevistar. Uma outra mulher chefe de agregado familiar, quando o pesquisador iniciou a entrevista, a entrevistada interrompeu dizendo que não era sua casa. O pesquisador, respeitando os procedimentos éticos, não teve outra saída senão agradecer e despedir-se.

Sendo uma pesquisa virada às mulheres, houve receio primeiramente por parte das mesmas em aceitar, uma vez que na cidade de Maputo há cada vez mais estratégias usadas por pessoas de má-fé que podem entrar em famílias como agentes de instituições a fazer trabalho específico, sendo assaltantes. Para superar esse problema o pesquisador usou documento que certificava que era residente do Bairro.

## **Capítulo 4. Apresentação, análise e interpretação dos dados do campo.**

Neste capítulo, apresenta-se os resultados obtidos no campo. Na apresentação dos dados das entrevistadas, usou-se pseudónimos como forma de manter a ética na pesquisa, isto é, não se trouxe os verdadeiros nomes das entrevistadas.

Em primeiro lugar, apresenta-se o perfil sociodemográfico das entrevistadas, posteriormente os factores que contribuem na construção e afirmação da identidade das mulheres chefes de agregados familiares.

O trabalho de campo é o apogeu da pesquisa. É nesta fase que se foi ao terreno para a recolha de dados para confirmar-se ou infirmar-se a hipótese da realidade social em estudo, não só, como também para sustentar-se o argumento do estudo.

### **4.1. Perfil sociodemográfico.**

Para melhor compreender-se os dados do estudo, apresenta-se o perfil sociodemográfico das entrevistadas, usando o perfil social, tendo como variáveis que ajudaram na análise as seguintes: a idade, o nível de escolaridade, local de nascimento, religião, tempo de permanência como chefe de família e ocupação.

Quanto a faixa etária, as mulheres chefes de agregados familiares entrevistadas, têm idades compreendidas entre 30 e 45 anos. Uma, sendo a mais nova de todas possui 30 anos, as mais velhas em número de 7 mulheres têm 45 anos e a idade mais frequente é de 42 anos correspondendo a 22 entrevistadas.

Quanto ao nível de escolaridade, num total de 30 mulheres chefes de família entrevistadas, 3 mulheres não frequentaram o ensino, 1 possui 2º ano de ensino técnico na área de contabilidade, 4 mulheres possuem nível superior e 22 mulheres o nível básico de escolaridade. Essas 22 mulheres recorrem a pequenos negócios nos mercados municipais, outras em suas residências, onde vendem produtos vários para sustentar os seus agregados familiares. Estas mulheres tiveram dificuldade de acesso ao emprego formal.

Quanto ao local de nascimento, constatou-se que das 30 entrevistadas, 19 nasceram em Maputo, 3 são naturais da província de Gaza, 5 são naturais de Inhambane; 1 mulher é natural da província de Nampula, 1 mulher é natural de Manica e a última nasceu na província de Sofala.

Aqui, o patriacado que incide mais na zona sul de Moçambique pode ser um factor importante que pode explicar esta realidade, na medida em que este é apontado em muitas pesquisas como sendo um fenómeno que oprime as mulheres (Scott,1989).

Assim, com a liberdade que a mulher tem hoje em dia, ao sentir-se oprimida na relação conjugal, pode optar em livrar-se dela, por outro lado, quando se sente oprimida, ela pode reclamar. De acordo com Bonaud (apud Scott, 1989), com a democracia doméstica a esposa pode-se rebelar contra a autoridade do marido e às vezes o homem pode abandoná-la com os seus filhos de acordo com os depoimentos.

No que toca a religião, das 30 mulheres chefes de agregados familiares entrevistadas, constatou-se que 24 professam igrejas protestantes e 6 professam igreja católica. O que significa que mais de metade das mulheres entrevistadas são protestantes, que podem ser liberais em questões conjugais.

Enquanto os católicos usam procedimentos tradicionais olhando para a doutrina da igreja, os protestantes podem ter mais liberdade na relação conjugal para decidirem nas suas vidas. Para além de ser abandonadas pelos maridos, as mulheres, quando não há paz na relação conjugal, elas mesmas podem rebelar-se contra a autoridade do esposo e romper com a conjugalidade, se essas crises conjugais persistirem e afectar negativamente a essas mulheres.

Quando questionou-se o tempo que as entrevistadas têm a chefiar as suas unidades domésticas, constatou-se que mais de metade das entrevistadas são chefes dos seus agregados familiares há mais de 10 anos, e 28 têm casa própria. Apenas 2 é que ainda não possuem casa própria.

Constatou-se que as mulheres chefes de agregados familiares constroem a sua identidade, não só, como também conseguem pagar educação formal dos filhos. Mais de metade dos seus filhos já atingiram o nível básico, apenas menor número dos filhos é que ainda não atingiram este nível.

Todas as mulheres chefes de agregadas familiares entrevistadas, demonstraram que o desempenho escolar dos seus filhos é satisfatório, pese embora faltarem recursos. Mais de metade mostraram-se optimistas quanto à melhoria do aproveitamento escolar dos filhos.

Quanto a ocupação, apenas 6 das mulheres entrevistadas é que tem emprego formal, 7 não trabalham e nem exercem qualquer actividade de rendimento sustentável, mas têm os seus filhos empregues em algumas empresas. Estes filhos é que enviam sustento às suas mães, estando

estes a viver com as suas esposas noutros lugares. Das 30 mulheres entrevistadas, 17 praticam pequenos negócios como fonte de rendimento para conseguir suprir as necessidades de seus agregados familiares, sobretudo a educação escolar dos filhos.

#### **4.2. Valores que orientam as mulheres chefes de agregados familiares**

Neste subcapítulo, procurou-se identificar os valores que orientam as mulheres chefes de agregados familiares na construção da sua identidade, de modo a compreender como é que estas mulheres orientam-se para construir a sua identidade e ver a noção que têm sobre chefiar agregado familiar.

Constatou-se que com a divulgação dos direitos das mulheres, a partir dos finais do século XX, em Moçambique, fez-se crescer a consciência das mulheres como agentes de direitos, em especial nas suas relações conjugais. Assim sendo, as mulheres quando se sentem oprimidas ou quando não há boa convivência conjugal, podem chamar atenção ao seu parceiro. A mulher pode se rebelar contra a autoridade do marido (ob. cit.) mas, quando não há paz, elas próprias podem tomar a decisão de se livrar da relação usando os princípios de liberdade ou democracia doméstica.

Ao questionar-se sobre a ideia que tinham sobre a Identidade de chefiar agregado familiar, 26 mulheres afirmaram que é muito difícil por ser mulher. Mostraram que o grande problema é a falta de recursos. De acordo com os depoimentos, é preciso ser responsável, ter muita paciência, conhecer e usar a palavra de Deus para conseguir chefiar um agregado familiar.

De acordo com as entrevistadas, no mundo actual, há vários factores que podem levar a esta mulher ao sucesso/fracasso na assunção de chefia do agregado familiar. Elas são unânimes a dizer que a mulher deve ter amor à família. Elas orientam-se com a autovalorização, crença religiosa e autonomia. Podemos verificar nos depoimentos seguintes:

*“É difícil chefiar agregado familiar sendo mulher, a educação dos filhos é um grande problema para qualquer mulher, já que desde há muito tempo, quem chefiava agregados familiares e mantinha a ordem na família é o Homem. O grande problema é a falta de dinheiro quando a mulher não trabalha. Mesmo trabalhando, o salário que a mulher ganha é muito pouco (...) é*

*preciso ter recursos e conhecimento da palavra de Deus, que pode ser um bom guião para os desafios de chefiar agregado familiar”.* (Albertina, 37 anos).

*Chefiar agregado familiar sendo mulher é difícil (...) a falta de dinheiro é o grande problema pois, sem dinheiro nada pode-se fazer. Ninguém pode chefiar agregado familiar sem dinheiro (...) é preciso ser responsável, ter autoconfiança e autovalorização para evitar que os filhos se desviem. Hoje em dia, as crianças se desviam devido à existência de muita coisa lá fora da família. A rede de amizades é o grande mal para os nossos filhos.* (Ana, 42 anos).

Com estes depoimentos, pode-se concluir que quando as mulheres assumem a chefia de agregados familiares incutem as regras e responsabilidade nos filhos, isso pode explicar o sucesso da sua realização.

Quando se questionou às entrevistadas sobre as motivações as levaram a viver apenas com os filhos, elas responderam que preferiam assim do que estar com um marido que não respeita a sua liberdade nem a sua autonomia, afirmando que jamais aceitariam as regras retrogradadas, tradicionais. Estas mulheres lutam em trazer mudanças de concepção nos cônjuges e por vezes, isso leva ao abandono do homem ou a mulher por iniciativa própria, rompe com a relação ou ainda desde cedo elas procuram constituir suas próprias unidades domésticas, como mostram os depoimentos seguintes:

*“Logo procurei ter minha casa própria, tendo em conta que as pessoas quando atingem a maturidade procuram ter liberdade. Assim, saí de casa dos meus pais para ter minha própria casa”* (Maria José, 45 anos).

*“Quando o meu ex-marido abandonou-me, como vivíamos em casa dos seus pais, eu também não quis voltar para casa dos meus parentes. Procurei ter minha casa para evitar constrangimentos com as minhas cunhadas e os meus irmãos”* (Ana, 42 anos).

*“...Os homens quando casam continuam a ser orientados pelos pais e outros familiares usando regras tradicionais. Isso torna-se difícil para as mulheres, actualmente, elas já não aceitam as vivências tradicionais”.* (Albertina, 42 anos).

De acordo com os depoimentos anteriores, Goffman (in Ferreira, 1987), defende o modo como se organizam as experiências no quotidiano, olhando o actor individual, aquilo que pode colocar na sua mente, não necessariamente o que é comum na organização social. O autor mostra que existe conflito entre a subjectividade individual e a objectividade da sociedade, na medida em que a sociedade estabeleceu papéis sociais específicos para mulheres na família.

Analisando a questão de autonomia, constatou-se que, embora maior parte das mulheres entrevistadas não tenham nível médio de escolaridade, elas têm noção de autonomia da mulher. Há outras mulheres entrevistadas que quando não encontraram paz na convivência conjugal, elas mesmas tiveram iniciativa de se retirar da relação. Os depoimentos a seguir mostram essa concepção crescente nas mulheres entrevistadas:

*“Eu separei-me do meu ex-marido porque não me valorizava. Sempre voltava tarde e era alcoólatra. Procurei conversar com ele durante muito tempo de modo a entender que o que ele fazia prejudicava a relação e a família, mas não me ouviu, acabei-me separando dele”.*  
(Cláudia, 43 anos).

*“Eu separei-me por causa da falta de paz, esse foi o motivo da nossa separação. Eu não aguentei viver com problemas insolúveis. O meu ex-marido não fazia chegar dinheiro em casa, acabava o dinheiro com outras mulheres.”* (Áurea 36 anos).

De acordo com os depoimentos, Berger e Luckman (1978), falam da realidade social objectiva, aquela que é institucionalizada, sendo que a sociedade estabeleceu que a mulher ao casar deve ficar submissa ao seu marido na relação conjugal. Nesta relação conjugal, o chefe do agregado familiar seria o homem.

Pode-se frisar que esta é uma ideia usada pelo patriarcado que é apontado por muitas pesquisas como ideologia para oprimir as mulheres de acordo com Scott (1989) por um lado, por outro, esta ideia é usada apoiando-se na Bíblia Efésios 5:22-24 mas segundo Coríntios 7. 31, mostra mudança no que toca a vida Familiar.

Berger e Luckman (1978) falam também da realidade subjectiva como sendo aquela apreendida na consciência individual. Aqui, a mulher sentindo-se oprimida pode rebelar-se perante as acções do cônjuge, reclamar e mostrar a sua contraposição a acções do cônjuge, pois vimos nos

depoimentos anteriores, mulheres que romperam com as relações conjugais, elas mesmas por não querer seguir as regras estabelecidas pela sociedade.

Neste caso concreto, muitas mulheres chefes de agregados familiares entrevistadas, a ruptura conjugal deveu-se à falta de atenção do homem para com a mulher, sua esposa; alcoolismo, falta de dinheiro e traição conjugal. Veja os depoimentos que se seguem:

*“Ele saía de casa sempre nos finais de semana e ficava dois dias fora de casa com outras mulheres. Esquecendo que eu era sua esposa, ele se comprometeu comigo e tirou-me da casa dos meus pais e mais tarde começaram surgir esses problemas”* (Melina, 44 anos)

*“O meu ex-marido bebia muito e gastava todo o dinheiro fora de casa com outras mulheres e, eu sofria com as crianças. Tentamos resolver muitas vezes com a família, mas ele nunca deixou esse comportamento. Mais tarde descobri que lá nas barracas tinha uma mulher que sempre estava com ele”* (Matilde, 44 anos).

#### **4.3. Relações sociais das mulheres chefes de família (agregado familiar) no meio onde estão inseridas.**

Quanto às relações sociais, as mulheres entrevistadas mostram que há boas relações onde se encontram inseridas. O bairro de Magoanine cresceu nos últimos 20 anos. Há muitos agregados que vieram dos Bairros de Maxaquene e Polana Caniço, grosso modo, quando estes bairros forma assolados pela erosão de solos em 2000 de acordo com as nossas entrevistadas.

Outras vieram do Bairro Luís Cabral quando foram atingidos pelo alargamento da N-4 e foram reassentados neste Bairro. Porém, segundo as entrevistadas, muitas vieram-se encontrar nestes Bairro, não viveram juntas durante a infância. Os depoimentos que se seguem mostram as relações que as nossas entrevistadas têm no meio onde vivem:

*“As relações com a vizinhança são boas. Quando pequeno, os meus pais ensinaram-me que devíamos tratar os vizinhos como família. Temos que respeitar e ter boas relações com eles. Os vizinhos são os primeiros socorristas quando há problemas de doença ou morte. Mesmo quando nos falta pequenas coisas como sal ou emprestar alguns utensílios domésticos recorremos neles.”* (Albertina, 37 anos).

*“ (...) A base é o respeito mútuo. Eu me respeito e me respeitam também (...) tenho boas relações com os vizinhos. Participo em todos os eventos, sejam festas ou cerimônias fúnebres. Quando eu também tenho algum evento, muitos vem participar. A vida em comunidade é assim mesmo”. (Ana, 42 anos).*

Como o ser humano é um ser social, não há como um indivíduo viva isolado estando inserido numa sociedade. A base da sociedade tem a ver com compartilha e observância das regras e normas, isso é que mantém a coesão social. Durkheim defende isso quando fala da divisão do trabalho social. O depoimento que se segue demonstra as relações que as nossas entrevistadas cultivam no dia-a-dia para a sua integração social:

*“Não tenho problema com os vizinhos, porque a chave é o respeito mútuo. Eu respeito-me, respeito os outros e eles também respeitam-me. Essa é a chave para uma boa convivência. Ao amanhecer saúdo os outros e quando há evento junto-me no grupo. É bom viver com hábitos comunitários, essa é uma forma de criar coesão social”. (Albertina, 37 anos).*

Em relação à estigmatização da sociedade, maior parte das mulheres entrevistadas afirmam que embora há cada vez mais mulheres a chefiar agregados familiares, ainda existem certos indivíduos que estigmatizam este grupo social, mas a sociedade tende a reverter a situação, de acordo com os seguintes depoimentos:

*“A sociedade divide-se em duas partes, há outros que respeitam as mulheres chefes de agregados familiares, há outros que estigmatizam, olhando a elas como mulheres que mantém relações extraconjugais com os homens casados e não conseguem educar os filhos porque são mulheres”. (Ana, 42 anos).*

*“Há outros que estigmatizam as mulheres chefes de agregados familiares, há outros que tratam bem, sabem que situações de ruptura conjugal acontecem a qualquer altura para qualquer um, mas há tendência de mudança quanto a isso”. (Melina, 44 anos).*

*“Isso depende da concepção do indivíduo, porque cada indivíduo tem uma visão diferente do outro. Cada um pode interpretar o que achar, mas comparando com o tempo dos nossos avós,*

*a sociedade tende a mudar respeitando um pouco a mulher chefe de agregado familiar. A sociedade vê que as mulheres lutam para chefiar as suas unidades domésticas, cuidam e educam bem os filhos, tal como nos agregados familiares chefiados por homens”. (Ana Maria, 42, anos)*

Quando questionou-se sobre a reação quanto a estigmatização, maior parte das mulheres afirmam que, como forma de preservar a sua imagem, preferem ficar indiferentes, não respondem, evitando expôr a sua vida na comunidade, de acordo com o depoimento seguinte:

*“ Eles podem interpretar, mas eu tenho a minha identidade. Alguém pode interpretar mal mas, como nunca ouvi nada, já é bom para mim. Mesmo se ouvisse não ia responder, para preservar a minha identidade. Respeito a mina pessoa” (Ana Maria, 42 anos).*

De acordo com este depoimento, o indivíduo que possui certas categorias sociais, tem o direito moral de esperar que os outros o valorizem de modo adequado, aqui a questão central, segundo Goffman (in Ferreira, 1987), é como o indivíduo interpreta o universo simbólico de forma a preservar a sua identidade.

De acordo com os depoimentos das entrevistadas, constatou-se que a convivência com as pessoas que estigmatizam, para as mulheres chefes de agregados familiares, acaba sendo um estímulo para a afirmação da nova identidade que estas mulheres estão a criar. Ao estereotipar, é também uma forma de negar o potencial e capacidade de liderança familiar da mulher.

Segundo Berger e Luckman (1978), identidade é um produto da relação indivíduo-sociedade que se constrói não só pelos valores internalizados na socialização primária, como também através dos processos de internalização contínua durante as relações sociais, porque os indivíduos não são agentes passivos, eles tem a capacidade de escolher entre comportamentos, de acordo com os valores primários e a contingência do momento.

Pode-se frisar que estando numa situação concreta, as mulheres chefes de agregados familiares, usando da autonomia e liberdade, têm autoridade legítima de fazerem reconhecer como fundamentadas as suas representações.

#### **4.4. Mecanismos que as mulheres chefes de família (agregados familiares) adotam na construção e afirmação da sua identidade.**

Segundo a informação que obtive-se no campo, constatou-se três subcategorias de mulheres chefes de agregados familiares: a mulher abandonada pelo cônjuge, a mulher chefe de agregado familiar por opção e a mulher chefe de agregado familiar que por iniciativa própria rompeu com a relação conjugal devido a factores vários.

Quando questionou-se às entrevistadas sobre como chefiam os seus agregados familiares, a maioria respondeu não ter sido muito fácil. Elas adoptam mecanismos que as tornam chefes de agregados familiares plenas, mas deixando marcas distintivas como mulheres. Os depoimentos seguintes ilustram a posição da maioria das nossas entrevistadas:

*“Não é fácil. É preciso reunir os membros do agregado familiar e dividir as tarefas, de acordo com o género para evitar conflitos entre os filhos (...). Deve haver muita conversa e persuadir para seguir e respeitar as regras. É preciso criar amizade com os filhos e todas as pessoas que vivem comigo.”* (Hermínia, 42 anos).

*“Para chefiar agregado familiar uso o bom senso e afectividade para conseguir chefiar o agregado familiar (...) meus filhos, hoje enaltecem a forma que uso para chefiar o agregado familiar sendo mulher. Eles hoje são adultos e já têm suas casas. Também isso permitiu o crescimento harmonioso dos meus filhos e foi bom para mim”.* (Gilda, 45 anos).

*“ Para chefiar o agregado familiar é preciso ter em conta os filhos, nunca tive problemas com eles desde o passado. O meu filho sempre seguiu as orientações e valores que lhe dou. Sobre regras, nunca me deu problemas. Embora eu cresci onde o chefe do agregado familiar era homem que é meu pai. Eu chefiar o agregado da maneira que acho bom para mim, ensinando o meu filho com o calor de mãe. Desde pequeno a partir da socialização na família aprendo e busco referências e experiências de chefiar o agregado familiar. É a melhor forma que apoio-me nela para conseguir chefiar o agregado familiar”.* (Nárcia, 42 anos).

*“ Rezo muito. Este é o caminho que uso para chefiar o meu agregado familiar e para os filhos terem os valores que tenho que são valores da família (...) mostro o benefício de seguir e*

*respeitar as regras (...) eles também têm opiniões, e juntos escolhemos o que é bom para todos, sem conversa e alcance de consenso é difícil chefiar agregado familiar”*. (Celeste, 42 anos).

De acordo com os depoimentos, essa construção social da identidade da mulher chefe de agregado familiar contribui para o desenvolvimento humano, não só desta mulher, como também dos seus filhos, pois eles crescem a saber que a mulher tem capacidade de chefiar o agregado familiar quanto o homem e aprendem a participar nos momentos de planificação dos agregados familiares ainda pequenos.

Com todas estas constatações, conclui-se que a dinâmica e as relações sociais ajudam no processo de construção social da identidade da mulher chefe de agregado familiar. As mulheres convivem com outras mulheres chefes de agregados familiares, organizam-se e em redes de solidariedade, chefiam as suas unidades domésticas e trocam ideias nessas relações sociais e conseguem se nomear como chefes de agregados familiares.

Nesse processo de construção da realidade, Bergere Luckman (1978), mostram que a identidade é um elemento fundamental da realidade subjectiva; e essa identidade é formada por processos sociais, ela é mantida e modificada pelas relações sociais. Pode-se afirmar que, a partir das relações sociais com os outros, essas mulheres constroem a sua identidade de forma particular para chefiar os seus agregados familiares, como mostra o depoimento a seguir:

*“Busco referências e experiências em outras mulheres, mas também uso aquilo que aprendi desde que nasci. A cada dia aprendo e, porque fui ensinada, devo ensinar os outros também para o bem das suas famílias”*. (Olga, 42 anos).

Segundo Berger e Luckman (1978), a socialização primária na família permite ao indivíduo aprender valores e normas que ajudam a construir a sua identidade. Na socialização secundária, as mulheres chefes de agregados familiares não se limitam a construir a sua identidade apenas a partir dessas regras, elas são influenciadas e influenciam a estrutura social. Vejamos o depoimento que se segue:

*O desenvolvimento ajudou, tendo em conta que hoje em dia a mulher também trabalha, assim ela é livre para planificar sua vida. Pode constituir seu agregado familiar e a sociedade acaba ver que a mulher também é capaz de chefiar agregado familiar. Assim, logo que comecei a*

*chefiar o agregado familiar usei a minha concepção, como acho que as coisas devem ser, de acordo com aquilo que aprendo. (Hermingalda de 34 anos).*

Constatou-se a partir dos depoimentos, que é nesse processo de trocas sociais que a identidade da mulher chefe de agregado familiar se constrói. Essa construção resulta do processo de identificação numa situação relacional. Nesse processo, existe uma capacidade das mulheres chefes de agregados familiares conseguirem se nomear. É nesse contexto relacional que se explica porque num determinado momento uma identidade é afirmada ou reprimida.

Porém, a construção da identidade da mulher chefe de agregado familiar efectiva-se em contextos sociais que determinam a sua posição como agente legítima e, dessa forma, ela orienta as suas representações e as suas escolhas. A construção da identidade deste grupo social tem uma eficácia social, produzindo efeitos sociais reais, como mostra o depoimento que se segue:

*Depende da concepção de cada um, mas eu uso a persuasão e graças a Deus, elas sempre seguem os ensinamentos. Talvez porque estiveram sempre comigo e nunca tiveram mimos, não sei (...) têm boas notas na escola, mesmo o mais velho que já tem 12ª classe nunca reprovou. (Atália de 45 anos).*

Ao questionar-se as entrevistadas o modo como elaboravam as regras para chefiar as suas unidades domésticas, a maioria delas responderam que coordenavam e integravam os filhos no processo. Isso torna-se mais fácil porque não se faz sentir as relações de poder/autoridade, ajuda na construção da identidade dos filhos e a todos indivíduos que vivem nesses agregados familiares. Vejamos os depoimentos seguintes:

*“Faço como aprendi, apesar de que as coisas mudam e também eu sou mulher. Chefiar o agregado familiar de acordo com a minha concepção e os valores que tenho, organizo as coisas e incuto nos meus filhos como as coisas devem ser. Reúno-me com eles e ensino como as coisas devem ser. É assim para melhor organizar o agregado familiar.” (Hermingalda, 34 anos).*

*“Chefiar o agregado familiar olhando a dinâmica, porque de tempos em tempos as coisas mudam. É preciso chefiar o agregado familiar e evitar violência, criando harmonia e bem-estar do agregado familiar. As normas e regras sempre mudam.” (Ângela, 30 anos).*

*Eu coordeno as regras com todos, na cozinha delego a menina mais velha e quando não estou, as meninas fazem outras coisas como: varrer o quintal e lavar a louça mas, nem tudo fazem devidamente. Uso calma para aprendizagem a cada dia. (Cândida, 43 anos)*

*Para ensinar as regras e valores no agregado familiar, apenas coordeno. O mais velho também ajuda-me na organização de actividades, as regras eles conhecem porque ensinei desde pequenos. Eu também aprendo a chefiar o agregado familiar a cada dia e, cada dia é uma experiência. (Alegria, 45 anos)*

Quando questionou-se como é que as entrevistadas faziam para os seus dependentes obedecer regras, incluindo o desempenho escolar dos filhos, a maioria das mulheres entrevistadas responderam que conversavam com eles e que sentiam-se satisfeitas quanto ao aproveitamento escolar. Isso mostra a dinâmica, contrariando os dados dos estudos anteriores que mostravam que o desempenho escolar de filhos de mulheres solteiras era baixo, de acordo com os depoimentos abaixo:

*“Converso muito com ela, mesmo sobre escola, eu mostro as vantagens de estudar, dando exemplo por mim mesma. Mostro que quem estuda, mais tarde tem melhores chances quando surge oportunidade de emprego, por isso não me deu problema, não posso-me queixar quanto a isso. Ela tem bom aproveitamento desde que começou a estudar. Chefiar agregado familiar tem que contar com a educação dos filhos. (Mónica, 40 anos)*

*Eu converso com elas moderadamente, com isso elas aprendem melhor, (...) procuro falar ponderando com amor de mãe (...). Na escola têm bom aproveitamento todas elas, ninguém reprovou até agora, elas estudam bem. Depois da escola ajudam nas actividades domésticas e mais logo fazem os trabalhos da escola”. (Vena, 39 anos).*

Constatou-se que a mulher chefe de agregado familiar estando numa situação concreta, com filhos e sem cônjuge, constrói a sua identidade como chefe de agregado familiar, não do ponto de vista de diferentes estratégias de actuação, como também as técnicas de actuação que são os equipamentos expressivos que servem na execução da sua realização (Goffman in FERREIRA et al, 1989).

O depoimento que se segue mostra essa disposição da mulher em investir para alcançar as suas inspirações, trazendo a dinâmica social.

*“Os tempos são outros, eu aconselho os meus filhos para estudar, evitar diversões nocturnas, evitar vícios. Graças a Deus, seguem os ensinamentos, têm bom aproveitamento na escola. O mais velho já fez o nível médio, assim está a procura de emprego porque não tenho recursos financeiro para o ensino superior”.* (Atália, 45 anos).

Quando o pesquisador indagou sobre a participação nas decisões importantes no agregado familiar, das 30 mulheres entrevistadas, 29 responderam que na tomada de decisões no agregado familiar há um espaço para o debate de ideias e que cada um tem o direito de apresentar sua opinião para a melhor organização do agregado familiar. Apenas uma entrevistada que tem filhos ainda menores, assim não participam na organização das decisões da família.

As relações efectivas entre as mulheres chefes de agregados familiares e os seus filhos, podem explicar a facilidade de chefiar as suas unidades domésticas. Olhando estas constatações, de acordo com Piaget (in Waldir Ulla, 2002), “afectividade é energia que move o sujeito a realizar uma acção. A afectividade possibilita ao sujeito identificar os desejos e mais diversos sentimentos conseguindo lograr êxito nas acções”.

A afectividade é muito fundamental no processo pedagógico, ela tem uma relevância no processo de educação dos filhos. No primeiro ano de vida de uma pessoa, ela é predominante pois o bebé se usa dele para se exprimir e interactuar com o mundo envolvente (Pieget in Waldir Ulla 2012). O depoimento seguinte ilustra a importância da afectividade no processo de liderança:

*Eu tenho tido conversa franca com a minha filha, também dou liberdade para se divertir (...) a base para chefiar agregado familiar é a educação aqui em casa. Essa educação é que influencia para eu conseguir chefiar o agregado familiar e para ela comportar bem.* (Mónica, 40 anos)

Analisando os depoimentos das entrevistadas, a educação distinta dos filhos do sexo feminino habilita-as a construir identidade para assumir papéis distintos, uma vez que a identidade tem a ver com o desempenho de papéis. Pese embora a tendência da mulher ter os mesmos direitos com o homem, os resultados da pesquisa mostram que a mulher não tem as mesmas oportunidades que o homem.

### **Síntese dos factores que concorrem para a construção da identidade das mulheres chefes de agregados familiares.**

A partir de 1990, com o aumento do nível de escolaridade das entrevistadas, o estoque de conhecimento adquirido durante a trajectória, a posse ou não de recursos, o peso do patriarcado que incide na zona sul de Moçambique onde as entrevistadas nasceram, o protestantismo, a crença religiosa, a responsabilidade social, a autonomia, a abdicação pelas regras tradicionais, a participação social em eventos comunitários, os princípios democráticos na liderança familiar, a autovalorização e o apoio que estas mulheres recebem dos outros; conclui-se que são os factores que se associam para a construção e afirmação da identidade das mulheres chefes de agregados familiares com sucesso ou insucesso. Esses factores estão ilustrados ao longo da discussão dos dados da pesquisa, mas esta categoria não cria a sua identidade de forma homogénia tal como pode-se ver com a diversidade dos depoimentos.

De acordo com os dados deste estudo, os estudos anteriores serviram para se comparar este fenómeno no que toca à estigmatização dos agregados chefiados por mulheres, mostra-se uma dinâmica bem como a melhoria do desempenho escolar de filhos criados nestas famílias. Durante o processo de recolha de dados, usou-se a observação como ponto de partida da análise.

Ao terminar este capítulo, pode-se afirmar que a construção da identidade da mulher chefe de agregado familiar não faz com que as mulheres deixem as características distintas. Elas conservam alguns dos seus traços que as tornam distintas quando comparados com os dos homens. A forma mais distinta é que há acções que elas usam sendo que para o homem torna-se mais difícil. O uso da afectividade e as relações democráticas são elementos reais usadas pela mulher chefe de família, que são fundamentais para a educação e liderança.

## Considerações finais

No presente trabalho, iniciou-se o estudo com o interesse de compreender como factores sociais contribuem para a construção e afirmação da identidade da mulher chefe de agregado familiar, que cada vez mais a mulher vai assumindo a manutenção de agregado familiar. Analisou-se os dados a partir do trabalho do campo realizado no Bairro de Magoanine “A”.

As relações sociais são elementos centrais que permitem as mulheres chefes de agregados familiares se impôr no agregado familiar, foi desta forma, que se questionou sobre esta construção na sociedade moçambicana que é feita na dialéctica entre agregado familiar e a estrutura social, dentre os valores e normas que regem estes contextos.

Desta forma, questionou-se: *De que forma as mulheres chefes de agregado familiar constroem a sua identidade?* Para responder-se a essa pergunta, colocou-se como hipótese: *As mulheres chefes de agregados familiares constroem a sua identidade a partir das relações sociais onde se inserem.*

Na análise de dados colhidos no campo, procurou-se saber a noção das entrevistadas e constatou-se que elas têm diferentes percepções quanto aos constrangimentos sobre a assunção do papel de chefe de agregado familiar. Umam percebem o papel como normal, mas outras afirmaram que enfrentam dificuldades, tendo em conta a história das relações sociais, na medida em que a mulher é vista como incapaz de chefiar agregado familiar.

Procurou-se identificar as relações sociais que estas mulheres têm no meio em que se inserem. Constatou-se que, as relações sociais são fundamentais para a construção da identidade da mulher chefe de agregado familiar nos contextos onde se inserem. Desde o processo de socialização até nas redes sociais onde elas troca ideias com outras mulheres, buscam referências e experiências para o fortalecimento e afirmação da sua identidade. Elas têm autonomia para decidirem nas suas vidas na chefia do agregado familiar.

O estudo mostrou que nesta categoria social estudada, existem três subcategorias desta categoria social onde: a primeira subcategoria são mulheres chefes de agregado familiar por livre opção, outras abandonas pelo cônjuge, pai dos filhos desta mulher; e a última, a própria mulher toma iniciativa de romper com a relação.

Constatou-se no estudo que existe dinâmica quanto a estigmatização das mulheres chefes de agregado familiar, pois este fenómeno já é visto como natural, há cada vez mais mulheres a

manter suas unidades domésticas sem a presença masculina, incluindo a educação escolar dos filhos onde mostra-se melhoria no desempenho escolar dos mesmos.

Isto contribui para a mudança social, rompendo com as concepções tradicionais que a sociedade tinha sobre esta categoria social abrindo campo para novo paradigma sobre agregados familiares monoparentais chefiadas por mulheres.

Desta forma, confirmou-se a hipótese, embora haja outros factores que podem explicar este fenómeno. As relações sociais são elementos fundamentais que explicam como é que a mulher chefe de agregado familiar constrói a sua identidade, olhando os contextos sociais da trajectória destas mulheres

Porém, a chefia de agregado familiar que se explorou não pode ser vista como o fim, trouxe ideias diferentes entre elas sobre a assunção do papel de chefia do agregado familiar e, tendo em conta a influência de suas experiências dentro da estrutura social. As mulheres chefes de agregados familiares constroem a sua identidade com sucesso ou fracasso de acordo com as referências, experiências vividas, o nível de conhecimento que possuem, a posse ou não de recursos, a autovalorização bem como o apoio dos outros.

Entretanto, como pista para estudos, sugere-se aprofundar especificamente esta categoria social como possíveis abordagens, vendo a construção de identidade da mulher chefe de agregado familiar olhando a vulnerabilidade, autonomia ou dependência ao construir a identidade de mulher chefe de agregado familiar, não só, como também pode-se fazer outras abordagens olhando a construção de identidade da mulher chefe de agregado familiar como emancipação da mulher.

## Referencias Bibliográficas

- ASSOCIAÇÃO TORRE DE VIGIA DE BIBLIAS E TRADUTORES. *O segredo de uma família feliz*. s. ed. Grugersdorp. 2012.
- BALOI, ObedeSuarte. *Entre a espada e a parede: o circulo vicioso da violência como um dilema de um Estado pois guerra*. In TELES at all. Moiaico Sociológico. Departamento de sociologia da Universidade Eduardo Mondlane. Maputo. 2011
- BERGER, Peter I. e LUCKMAM, Thomas. *A Construção Social da Realidade*. Tratado da Sociologia do Conhecimento. 24ª Ed. Ed. Vozes Petrópoles. 2004.
- BIZA, Mateus. *As Características Sociais das Mulheres Chefes de Agregados Familiares e Suas Estratégias de Sobrevivência no contexto Peri-urbano: O caso do Bairro Luís Cabral*. UEM. Maputo. Monografia de Licenciatura em Sociologia não publicada. 2000.
- BRITO, Flávio dos Santos. *Famílias Monoparentais-Vulnerabilidade ou emancipação: Estudo de caso em Salinas/M6 e no período de 2008/2009*.
- CANIÇO, Hernani, RODRIGUES, Pedro e CARVALHO, Armando. *Tipos de família: Estrutura e dinâmica global*. Imprensa da Universidade de Coimbra. Lisboa. 2010.
- CIAMPA, António da Costa. *A Estória do Severino e a História de Severina*. Editora. Brasiliense. S. Paulo. 1987
- CHICHANGO, Dália Suzete. *A vida atrás da porta. Um estudo sobre Identidade Social do Cobrador de chapa100 na Cidade de Maputo*. Monografia de Licenciatura em Sociologia não publicada. UEM, 2012.
- CINTURA, Sónia Das Dores Catarina Baptista. *Situação de Pobreza das Mulheres na cidade de Maputo e Suas Percepções: O Caso do Distrito Urbano 2*. UEM. 2003.
- COLLONA, Helena. *Eu é que fico com a minha irmã: vida quotidiana das Crianças naperiferia de Maputo*. Tese de Doutoramento em Sociologia de Infância. Braga. IE – UMinho.2012.
- DE DEUS, Jorge Dias. *A Critica da Ciência. Sociologia e Ideologia da Ciência. A Função do Dogma na Investigação Científica*. Rio de Janeiro. 1979.
- DEMO, Pedro. *Metodologia Científica em Ciências Sociais*. 3ª Edição. Ed. Atlas. São Paulo. 1995.

**DICIONÁRIO MODERNO DA LINGUA PORTUGUESA.** Escolar Editora. Lobito. sd

ESCOLÁCIA, Liliana e KASTRUP, Virgínia. *O conceito de Colectivo como superação da Dicotomia Individuo – Sociedade. Psicologia em Estudo.* 10. N° 2. P. 295 – 304. s.ed. 2005.

FERNANDES, Natália e Tomás, Catariana. *Social Relations in Turbulent Times. TN04 Sociology of Children and Childhood. Questões Conceptuais, Metológicas e ética na Investigação com crianças.* Portugal. 10<sup>th</sup> Conference of The European Socia Ed. S. 2011.

GOFFMAN, Erving. *Perspectiva dramaturgica.* In Ferreira at all. Sociologia. Copyrighth. Da Editora MCGrow HIU. Lisboa. 1995.

GIL, A. *Metodos de Pesquisa Social.* 5<sup>a</sup> ed. São Paulo. Ed. Atlas.2008

GIDDENS, Antony. *Sociologia.* Trad. Netz, Sandra Regina. São Paulo. Ed. LezerHouse. 2015.

GRINBERG, Leon e GRINBERG, Rebeca. *Identidade e Mudança.* Ed. Climepsi. Lisboa. 1976.

LOFORTE, Ana. *Avaliação Social Combinada Sobre Género e Pobreza em Maputo.* Departamento de Arqueologia e Antropologia da Faculdade de Letras e Ciências Sociais. Relatório DAA. Universidade Eduardo Mondlane. 2008.

MACAMO, Elísio. *A Leitura Sociologia: Um Manual Introdutório.* Maputo: Imprensa Universitária. 2004.

MACAMO Elísio. *Sociologia Prática. Como Alguns Sociólogo Pensam.* Maputo: Imprensa. Universitária. UEM. 2016.

MARCONI, Marina de Andrade e Lakatos, Eva Maria. *Fundamentos de Metodologia Científica.* São Paulo. Editora. Atlas. 6<sup>a</sup> ed. 2007.

MARTINS, F, FORTES, Celeste. *Para Além da Crise. Relações familiares na África Contemporânea. Notas sobre Cabo Verde. Comunicacao apresentada no VII Congresso Ibérico de Estudos Africanos.* Lisboa. 2011.

MATUSSE, Christian Manuel. *Mulheres Chefes de Família: Um estudo de Actividades produtivas, reprodutivas e Características de Mulheres Chefes de Família em Punguine – Distrito de Chokwè.* Monografia de Licenciatura em Sociologia não publicada. UEM. 1996.

MAUSSE e BEATRIZ, Yolanda e Filipe. *Mulheres e suas Estratégias de Sobrevivência.* UEM. Maputo. 2015.

- MEMBAWARE, Rogério N. *Mulheres Chefes de Agregados Familiares, Viúvas, Divorciadas, Casadas e Solteiras: As Características Sociais e suas Estratégias de sobrevivências - O Caso dos Bairros de Inhamundima e Matacuane na Cidade da Beira*. Monografia de Licenciatura em Sociologia não publicada. UEM. Maputo. 2005.
- MINISTÉRIO PARA COORDENAÇÃO DA ACÇÃO AMBIENTAL. *Relatório do Estado do Ambiente em Moçambique*. s. ed. Maputo. 2011.
- MORIM, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. 5ª Edição. Colecção epistemologia e sociedade, 2008.
- MONGELLI. *Entre o Real e o Imaginário: O país do Recanto*. Revista USP. S. Paulo. 1998-1999.
- NIPASSA, Orlando. *Ensaio sobre interdisciplinaridade na análise dos fenómenos sociais e o caso de pobreza / desenvolvimento*. Maputo. UEM. 2016.
- QUIVY, Raymond. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Trad. Marques, João Minhoto e Mendes, Moia Amália. Revi Santos Rui. Lisboa. Ed. Gravita7.1992.
- RELATORIO DA LIGA MOCAMBICANA DOSS DIREITOS HUMANOA. *Direitos da Mulher em Moçambique: Dever de determinadas práticas Legais*. Maputo. 2007.
- RELATORIO DUMA MISSAO AO INSTITUTO NACIONAL DE ESTATISTICA. Um Sistema de Recolha de dados de Agregados Familiares como um Inquérito continuo multiobjectivo (INCEF). INAE. Maputo. 2012.
- RICHARDTSON, Robert Jarry. *Pesquisa Social: Técnicas*. 3ª ed. S. Paulo. Atlas. 1999.
- ROCHER, G. *Sociologia Geral*. Vol. I e II. Ed. Presença. Lisboa. 1977.
- SANTANA, Ana Bela Maurício. *Mulher mantedora/Homem chefe de família: Uma questão de género e poder*. Revista: Forum Identidades. S. Paulo. 2010.
- SCOTT, Joan, *Género: Uma categoria útil para análise histórica*. Trad. Christiane Rufino Dabat e Maria Betânia Alves. Now York. Columbia University Press. 1989.
- SEQUEIRA, Ranyella e Cardoso, Hélio. Imagonates 2 (1) /2011/INSSN07190166 - *O conceito de Estigma como processo social: Uma aproximação Teórica a partir da Literatura Americana*. Imagonates. Universidade Estadual Paulista.2011.

- SILVA, Augusto e PINTO, José Madureira. *Metodologia e Ciências Sociais*. Ed. Afrontamento. Porto. 2007.
- SITOE, Márcio Daniel. *Impacto diferenciado do vendaval de 2007 em Boane sobre Agregados chefiados por homens e por Mulheres*. Monografia de Licenciatura em Sociologia UEM. 2008.
- SOUSA, Maria José e BAPTISTA, Cristina Sales. *Como Fazer: Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios*. Edições Técnicas. Lisboa. 2011.
- VANDLARA BIBELE RA AFRICA DZONGA. *Bibeleyingatestamentyakhale ni leyintsha. Type 8 Antique Tsonga – 30M – 523 – BSSA – South África*. 2014.
- WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Ed. UnB. Brasília. 1991.
- WLSA. *Estratégias de Sobrevivência de um grupo de Viúvas. Outras Vozes*. Maputo. 2010.
- ZENATTA, Ana Laura. *LenouveFamiglie*. Bologna, In ficha de Sociologia da Família, Síntese elaborado por Elena Colonna. Uem. 2004.

## **Anexos**

### **Guião de entrevista**

#### **Secção- I**

##### **Perfil sociodemográfico das Mulheres Chefes de Agregados Familiares**

1. Qual é a sua Idade?
2. Qual é a Província onde nasceu?
3. Qual é o seu nível de escolaridade?
4. Trabalha?
5. Professa alguma religião?
6. Se sim, qual?
7. A residência onde vive é própria ou arrendada?
8. Quantos filhos tem?
9. Os seus filhos estudam?
10. Qual é o número do seu agregado familiar?

#### **Secção- II**

##### **Valores que orientam as Mulheres Chefes de Agregados Familiares**

1. Desde quando assumiu o papel de chefe de agregado familiar?
2. Qual foi o motivo levou a viver com os seus filhos?
3. Como tem sido chefiar o agregado familiar sendo mulher?
4. O que é necessário para ser chefe de agregado familiar?

5. Como tem sido a sua relação com os seus filhos?
6. De que forma devia ser?

### **Secção- III**

#### **Relações das Mulheres Chefes de Agregados Familiares no meio em que se inserem**

1. De que maneira acha que os outros vêem como chefe de agregado familiar?
2. Como tem sido a sua relação com os vizinhos?
3. Que opinião tem sobre assunção do papel de chefe de agregado familiar?
4. Como é que a sociedade trata as mulheres chefes de agregado familiar?

### **Secção- IV**

#### **Mecanismos que as Mulheres Chefes de Agregados Familiares adoptam na construção da sua identidade**

1. Como tem elaborado as regras na gestão da sua unidade doméstica?
2. Como é que tem feito para que os seus filhos aprendam e obedeçam as regras e valores na família?
3. Tem na sua relação com seus filhos espaço para discussão e tomada de decisões na família?
4. De que maneira o ser mulher influencia na liderança de agregado familiar?
5. O que acha que leva o aumento de mulheres chefes de agregados familiares?